

Juventude e algumas questões e relações de gênero

Elaine Muller
Mestre em Antropologia
Doutoranda em Antropologia - PPGA/UFPE
nanimuller@hotmail.com

Resumo

Este artigo parte do pressuposto de que sexo e idade são categorias primeiras de classificação e, a partir daí, procura articular as categorias gênero e juventude, mostrando como a primeira é analiticamente relevante para entendermos a segunda. Através do enfoque relacional que a noção de gênero evoca, algumas práticas juvenis de meninas de 13 a 18 anos, freqüentadoras de shopping centers em Recife/PE, são estudadas. Foi possível observar que embora algumas práticas destas jovens pareçam quebrar com certas práticas comuns de gerações anteriores (como o “ficar” descomprometido), suas concepções são baseadas em preceitos conservadores e tradicionais.

Palavras-chave

Juventude; Gênero; Bom-comportamento.

Abstract

Starting from the presumption sex and age are primary categories of classification, this article attempts to articulate the categories gender and youth, demonstrating that the former is analytically relevant to understand the latter. By focusing on the relational aspect that the notion of gender evokes, some social practices of young girls between 13 and 18 years of age who frequent shopping centers in Recife/PE are studied. It was possible to observe that although some practices of the young women who frequented the shopping centers and participated in the research seem to challenge certain practices common to earlier generations (for example, “ficar” without commitment), their conceptions are based on conservative and traditional precepts.

Key words

Youth; Gender; Good behavior.

Introdução

Neste artigo, recupero um dos capítulos de minha dissertação de mestrado, intitulada *As patricinhas no mundo do shopping center: um discurso e algumas práticas juvenis bem-comportadas*, onde procuro discutir as relações entre gênero e juventude.

Meu argumento se inicia com a defesa de que a incorporação da noção de gênero nos debates sobre juventude é de extrema relevância. Isto porque tanto gênero quanto juventude estão pautados no que tenho chamado, já sem recordar ao certo a referência, de categorias primeiras de classificação: respectivamente, sexo e idade. Em outras palavras, podemos dizer que usamos a idade e o sexo/gênero dos sujeitos para posiciona-los socialmente, dando-lhes determinados *status* e construindo padrões de comportamentos que acreditamos serem adequados para homens e mulheres de cada idade. Estes posicionamentos estão diretamente ligados à construção de identidades, e por isso a abordagem dos jovens enquanto sujeitos plenos, agentes com identidades, só pode ser alcançada por uma perspectiva que não despreze a dimensão fundamental do gênero.

Neste trabalho estarei ainda pondo em prática o uso da noção de gênero enquanto analiticamente relevante para entendermos juventude, através de uma pesquisa que – embora tenha como seus sujeitos meninas de 13 a 18 anos, frequentadoras de shopping centers em Recife/PE, e como objetivo principal estudar as práticas destas meninas que são pertinentes para pensarmos suas juventudes – também ouviu os meninos com os quais elas mantêm contato, em nome do caráter relacional que a noção de gênero adiciona aos estudos sociais. Desta forma, os posicionamentos, práticas e identidades (de gênero) foram vistas como sendo construídas em constantes relações com seus pares.

Os dados etnográficos que surgiram a partir desta pesquisa estão centrados no que chamei de “discurso do bom-comportamento”: foi possível perceber que havia um discurso que permeava todas as práticas das meninas, inclusive suas relações de gênero, e que era articulado para criar fronteiras e distanciamentos entre os comportamentos considerados adequados e inadequados, posicionando as/os jovens enquanto fazendo parte do “nós” ou de “as/os outras/os”.

Uma outra dimensão aqui trabalhada é a das normas de comportamento que as próprias jovens impõem às suas relações com os meninos. Neste sentido, embora algumas práticas como o “ficar” pareçam quebrar com os padrões de comportamento, liberando as meninas de certos papéis tradicionais – pois agora podem também experimentar, sem compromisso – foi possível perceber que estas práticas estavam fundamentadas em preceitos tão conservadores quanto os de muitos tempos

atrás. Um exemplo a ser citado é o das categorias “galinha” X “garanhão”: as meninas, embora tenham clareza de que as cobranças com relação ao comportamento adequado para as meninas são diferentes daquelas exercidas sobre os meninos, ao invés de, a partir de suas práticas que já são “liberais”, desafiarem estas cobranças, elas fazem o caminho inverso, e cobram dos meninos o mesmo bom-comportamento que lhes é esperado. A categoria “galinha”, assim, é agora aplicada também aos meninos que não têm compromisso com ninguém, que “ficam” só por “ficar”, que “ficam” com muitas meninas.

Juventude e algumas “questões de gênero”

Segundo Balandier, as relações entre as gerações, enquanto relações sociais elementares e com “dinamismos sociais resultantes do equilíbrio precário entre cooperação e oposição” que estabelecem, “se situam no mesmo nível das relações sociais instauradas entre os homens e mulheres” (BALANDIER, 1976, p. 72). Da mesma forma como acontece com a idade, as diferenças entre os sexos são manipuladas, valoradas e classificadas socialmente, tornando-se critérios de hierarquização e de reprodução cultural.

A distinção entre os sexos, enquanto classificadora natural e universal, sempre mereceu a atenção dos antropólogos e era recorrente nos estudos de organização social e parentescoⁱ (SUÁREZ, 1997). Mas as diferenças entre mulheres e homens não são objeto de estudo da Antropologia até os anos 30, quando se começa a falar em “papéis sexuais”, enquanto construção de masculino e feminino, e sobre a sexualidade. Os papéis sexuais seriam os padrões ou regras arbitrárias estabelecidas por uma sociedade para definir os comportamentos, roupas, modos de se relacionar ou de se portar adequados para seus membros – homens e mulheres. Esta concepção hoje se mostra redutora e simplista, pois remete a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. Desta forma, as múltiplas formas de assumir masculinidades e feminilidades e as redes de poder que hierarquizam os gêneros não podem ser analisadas (LOURO, 1999, p. 24).

Foi com a noção de gênero, a partir dos anos 70, que as diferenças e as relações entre homens e mulheres passaram a serem estudadas para além dos critérios biológicos. Por gênero entendemos a

“dimensão dos atributos culturais alocados a cada um dos sexos em contraste com a dimensão anatomo-fisiológica dos seres humanos. A expressão assinala o que vem sendo cunhado como perspectiva construtivista em oposição à uma postura essencialista que poderia ser imputada, por exemplo, ao termo papéis sexuais. Ele destaca o privilegiamento da dimensão de escolha cultural e pretende descartar alusões a um atavismo biológico para dar conta das feições que o feminino e o masculino assumem em múltiplas culturas.” (HEILBORN, 1992, p. 1).

Gênero se refere à construção social do sexo – “aos papéis e valores que o constituem em dado momento histórico, em uma sociedade particular, englobando o sexo biológico” (SACCHI, 2001, p. 3). O que os homens e mulheres são, portanto, não é fruto de dados biológicos, mas de relações sociais e culturais (SACCHI, 2001).

A noção de gênero tem ao mesmo tempo o caráter de ferramenta política e de ferramenta analítica (LOURO, 1999). Scott ressalta gênero enquanto categoria analítica ao afirmar que a noção é “um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1990, p. 16).

É importante sublinhar que se as relações entre gerações estão no mesmo nível das relações entre os sexos, por serem relações sociais elementares, como afirma Balandier, enquanto categorias sociais estes dois tipos de relações possuem profundas distinções. Não podemos afirmar que idade está para geração (ou juventude) assim como sexo está para gênero sem fazer ressalvas. A relação entre juventude/geração e idade é mais complexa, em primeiro lugar porque se trata de critérios hierarquizantes que são superados com o passar do tempo, fazendo com que o indivíduo que se situa num nível subordinado passe a fazer parte do grupo dominante em algum momento de sua vida, ou vice-versa. As relações entre os sexos são mais estáticas neste sentido, pois é mais provável que o indivíduo que nasça homem morra homem (LEVI e SCHMITT, 1996; BRITTO DA MOTTA, 2000).

Em segundo lugar, enquanto a noção de gênero parece enriquecer a análise das diferenças entre homens e mulheres, entender juventude como uma categoria social, de certa forma “negando” o aspecto biológico da juventude, talvez não seja tão fecundo: corremos o risco de criar uma categoria vazia de significados e analiticamente muito frouxa.

Além disso, a Antropologia avançou bastante nos estudos de gênero, enquanto o debate sobre juventude tem sido levado a cabo principalmente por sociólogos e psicólogos. Trabalhos que cruzem os dois temas são ainda mais escassos.

Embora juventude e gênero pareçam categorias tão proximamente localizadas, os estudos sobre juventude não têm tido uma perspectiva de gênero. Neste sentido, haveria dois pontos a serem considerados. O primeiro, está relacionado com o movimento “fundador” e propagador da noção de gênero – o feminismo – que tem deixado de lado as classificações etárias. É Britto da Motta quem faz uma crítica ao feminismo por discutir a “produção das diferenças e das subjetividades conflitantes” (classe, poder familiar, raça), mas deixar de lado “a própria condição etária das mulheres” (BRITTO DA MOTTA, 2000, p. 1). A autora se pergunta:

“[...] para onde foi o grande afã de criação teórica do feminismo [...] que não vê porque se ocupar da dimensão de idade e geração, categorias relacionais e da experiência, como gênero, raça e classe e determinantes de diferenças e de desigualdades como estas!” (BRITTO DA MOTTA, 2000, p. 5).

O segundo ponto se refere aos próprios estudos sobre juventude. Segundo Reguillo Cruz, freqüentemente assinalamos a ausência de mulheres jovens nos estudos, mas esquecemos a ausência de homens jovens nestes trabalhos. Para a autora, “en la literatura disponible se tiende a una generalización que invisibiliza la diferencia de género” (REGUILLO CRUZ, 2000, p. 91). O enfoque geral dado à juventude, segundo a autora, não atende às diferenças de participação, representação e expressão entre meninas e meninos. É possível assim ter uma idéia de porque é tão difícil encontrarmos trabalhos onde as categorias idade e gênero são relacionadas. Em todas as abordagens “clássicas” sobre juventude, gênero não tem aparecido como uma categoria analítica relevante. O máximo que se consegue avançar neste sentido é refletir um pouco sobre os papéis sexuais dos jovens e as diferentes formas de socialização de meninos e meninas.

Atualmente, têm-se invocado muito a pluralidade das manifestações e identidades juvenis. Bourdieu fala da necessidade de se distinguir em pelo menos dois tipos de juventude, a burguesa – adolescente – e a trabalhadora – sem direito à adolescência (BOURDIEU, 2000). Ser jovem na cidade ou no meio urbano, em cidades pequenas ou em grandes metrópoles, na classe média ou na pobreza, negro, branco ou índio, não é a mesma coisa. Mas ser jovem homem ou jovem mulher talvez contenha uma diferenciação básica, até hoje muito pouco abordada e que talvez contenha a chave para se compreender de um modo um pouco mais coerente *as juventudes*.

Segundo Feixa (1998), as distinções de gênero merecem uma atenção particular nos estudos sobre juventude, pois o acesso à vida adulta nunca tem o mesmo significado para homens, para as mulheres e para os que se descrevem como de um “terceiro sexo”:

“de hecho, la transición juvenil es esencialmente un proceso de identificación con un determinado género, aunque a menudo se haya confundido con un proceso de emancipación familiar, económica e ideológica, que históricamente ha sido privilegio casi exclusivo de los varones (y aún entre ellos, de los pertenecientes a determinados estratos sociales). Ello explica el por que, hasta fechas muy recientes, las imágenes sociales predominantes de la juventud se hayan asociado inconscientemente a la juventud masculina.” (FEIXA, 1998, p. 19).

Para Feixa, as culturas juvenis têm sido vistas como fenômenos exclusivamente masculinos. Enquanto a juventude é definida como um processo de emancipação da família de origem e de articulação de uma identidade própria — o que é expresso normalmente no mundo público ou do trabalho — para as moças a sua juventude tem consistido habitualmente no trânsito de uma dependência familiar à outra, reduzido à esfera privada. O autor destaca que a reclusão feminina ao espaço doméstico acaba por restringir o acesso das meninas à rua ou aos locais de ócio, espaços privilegiados das culturas juvenis. Ao mesmo tempo, as galeras são vistas como um fenômeno de afirmação da virilidade, o que se reflete em suas atividades violentas e em sua estética agressiva.

Nas associações juvenis, no *rock*, nas atividades de ócio, no radicalismo político, as meninas parecem ter permanecido “invisíveis” (FEIXA, 1998).

Com Heilborn (2002), somos levados a pensar que as mudanças na sexualidade juvenil nos levam ao debate sobre gênero. Na centralidade do ócio e do lúdico na vida juvenil, a erotização tem colocado meninas e meninos em novas posições, e para entender isso precisamos estudar as gerações a partir de uma perspectiva de gênero.

“A cultura juvenil arma-se assim sobre uma ética de vida que privilegia o lúdico e a imagem, regida por valores de ordem estética e hedonista. São essas as dimensões que adquirem expressão identitária para a ‘juventude’ contemporânea, funcionando como uma referência que extrapola a mera proximidade etária, ainda que possamos sempre lembrar que classe e gênero introduzem importantes modulações nesse cenário” (HEILBORN, 2002, p. 414).

Suárez nos fala da representação das mulheres como sujeitos incompletos: os antropólogos preferem examinar os modelos sociais masculinos ou exprimidos pelos homens — “os sujeitos completos socialmente e, portanto autorizados para se explicarem, evitando as expressões das mulheres”. Os antropólogos sentem-se obrigados a observar o comportamento correto. As mulheres são *mute groups*, pois os pesquisadores partem do suposto de que são os homens que controlam a informaçãoⁱⁱ (SUÁREZ, 1997, p. 36-37). Ainda para Suárez, a solução desse problema está na experiência etnográfica: “é preciso observar e descrever o que as mulheres realmente fazem e pensam em vez de escutar o que outros dizem que elas fazem e pensam. [...] O etnógrafo precisa abrir o espaço de fala para aqueles que não o possuem por desígnios culturais” (SUÁREZ, 1997, p. 44).

É a partir dos anos 80 que se começa a questionar o olhar dado às mulheres nos estudos sobre juventude e se começa a incluir as meninas de forma um pouco mais positiva nos trabalhos. Os primeiros trabalhos sobre juventude que têm uma perspectiva de gênero têm como objetivo dar visibilidade às meninas. Garber & McRobbie (1996), autoras da Escola de Birmingham, são um marco neste sentido. O trabalho das autoras no livro “Resistance through rituals” faz uma crítica aos estudos sobre juventude por enfocarem mais o desviante que o convencional, mais os adolescentes de classes trabalhadoras que os de classe média e, o mais importante, mais os rapazes que as garotas. Segundo as autoras, o foco dos estudos geralmente cai sobre o aspecto violento das subculturas, e assim as mulheres tendem a ser excluídas. A ênfase é dada em grupos masculinos, preocupações masculinas, valores masculinos. Quando as mulheres aparecem geralmente é em relação a papéis mais inócuos, como, por exemplo, a sexualidade permissiva. Segundo as autoras, talvez as meninas/mulheres não tenham um papel vital nas subculturas, mas pode ser que a ênfase masculina nas pesquisas reforce a concepção de subculturas como predominantemente masculinas.

As autoras incorporam a dimensão crucial de sexo e gênero, e entendem que os padrões da subcultura são os mesmos para os rapazes e as garotas, mas elas estão necessariamente mais marginalizadas em cada dimensão. Para Garber & McRobbie, a marginalidade das garotas não é o melhor caminho para representar sua posição nas subculturas. A posição delas pode não ser marginal, mas estruturalmente diferente. Elas podem ser marginais para as subculturas não simplesmente porque elas são empurradas pela dominância dos homens para as margens de cada atividade social, mas porque elas são centrais numa diferente e necessariamente subordinada cadeia de atividades. As análises deveriam partir não de sua marginalidade, mas de sua secundariedade estruturada. Se as mulheres são marginais para as culturas masculinas do trabalho, é porque elas são centrais para a subordinada e complementar esfera da família. Se as meninas são “marginais” e/ou “passivas” no *rock*, na sexualidade e na política, é provável que em sua vida a vizinhança, os fãs clubes, etc. ocupem um lugar central na sociabilidade feminina. Não se pode esquecer que as meninas, assim como os meninos, vivem sua juventude numa multiplicidade de cenários (FEIXA, 1998; Garber & McRobbie, 1996, p. 211).

Para pensar as meninas segundo sua secundariedade estruturada, Garber e McRobbie (1996) falam de uma “cultura do quarto”: as meninas são vistas, desta forma, negociando um espaço diferente e oferecendo um tipo diferente de resistência, que em parte pode ser vista como sua subordinação sexual. Esse olhar só é possível, segundo as autoras, quando a dimensão da sexualidade é incluída no estudo de subculturas juvenis.

Já para Wulff (1995), as garotas não estão confinadas nos seus quartos, pelo contrário, elas são notórios e visíveis atores nas esquinas, no pátio da escola, no clube das garotas, atarefadamente explorando a vida (Wulff trabalha com um grupo interétnico de moças em Londres no início dos anos 80, e se volta para a política de igualdade étnica e as dinâmicas de relações pessoais de amizade entre as garotas do grupo).

Em minha dissertação, não me preocupei necessariamente com a visibilidade das meninas. Pareceu-me mais importante dizer alguma coisa sobre como as meninas vivem suas juventudes, e não imaginar que elas fazem parte de uma cultura de jovens mais abrangente. Aliás, meninos e meninas, homens e mulheres, são todos multiculturais (WULFF, 1995) e por isso escolhi pensar sobre as meninas a partir de suas microculturas e não através do espaço que elas ocupam em uma cultura juvenil ou uma subcultura.

Frith (1984) analisa as principais críticas à teoria subculturalista e levanta pontos muito relevantes para pensar a juventude feminina. Para o autor, analisar as culturas juvenis em termos de **normas de comportamento** nos ajuda a esclarecer diferenças entre rapazes e moças. Existem diferentes normas de tempo livre para eles e elas (em geral os meninos têm mais tempo livre e o aproveitam mais na rua, enquanto as meninas têm obrigações domésticas desde cedo). Além disso, diferentes regras sexuais regulam as expectativas sobre o tempo livre de meninos e meninas – elas

precisam garantir para seus pais que não correm risco de atividade sexual. A sexualidade dos meninos não é vista como um problema.

Mas pensar em gênero enquanto uma categoria analítica útil para entender a juventude é buscar um exercício que vai além de incluir as mulheres nas análises teóricas da vida social. Aliás, isso não significa conseguir desnaturalizar o universo feminino mostrando o caráter eminentemente social do gênero (SACCHI, 2001). De fato, as mulheres estiveram sempre presentes nos relatos etnográficos. O problema é “o modo como foram representadas nestes textos”. Elas sempre estiveram presentes através da sua negação sistemática e persistente (a negação de sua integridade social, psíquica e emocional) (SUÁREZ, 1997, p. 34).

A contribuição da noção de gênero para a compreensão das juventudes está ligada a sua importância enquanto constituinte da *identidade* dos sujeitos. E aqui devemos lembrar que estas identidades são plurais, múltiplas, fragmentadas e em constante mutação:

“as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou identidade de gênero seja ‘assentada’ ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.” (LOURO, 1999, p. 27 – grifo da autora).

Segundo Louro (1999),

“ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o.” (LOURO, 1999, p. 25 – grifos da autora).

Desta forma, a inclusão da noção de gênero nos estudos sobre juventude contribui para o que Elisabeth Jelin chama de uma perspectiva dos jovens como *sujeitos com identidade*. Ao invés de olharmos os jovens a partir do ponto de vista dos adultos e defini-los em termos positivos (recursos humanos) ou negativos (problemas sociais), incorpora-se assim um olhar sobre os jovens por eles mesmos:

“quiénes son, cómo manifiestan sus identidades, qué prácticas y patrones desarrollan como propios, cómo reaccionan a los parámetros de un mundo social, económico, político, cultural, construido desde afuera, por el mundo adulto. [...] Poco sabemos sobre cómo los jóvenes, y especialmente los de los sectores populares, ven su inserción en el mundo social, presente y futuro, que les permita superar la visión dominante que los ubica en un lugar de ‘problema social’ y de ‘víctimas’.” (JELIN, 1994, p. 96).

Da mesma forma, pouco sabemos sobre como as meninas vêem sua inserção no mundo social, como constroem suas sociabilidades e vivem suas juventudes.

“Namoro é o perfeito”: as relações de gênero

Colocando o debate para o campo social (já que as diferenças biológicas têm menos importância) o uso da noção de gênero coloca um forte apelo relacional – é no campo das relações sociais, entre homens e mulheres, e/ou entre mulheres, e/ou entre homens que se constrói o gênero. Além disso, coloca-se um pensamento mais plural sobre homens e mulheres (LOURO, 1999). É justamente este aspecto relacional entre os sexos que é privilegiado aqui. A partir das entrevistas, conversas e observações, foi possível captar uma série de dados sobre as expectativas das meninas no que diz respeito a suas relações com os meninos, e também sobre a visão das meninas com relação às expectativas que elas entendem que eles têm destas relações. Alguns meninos também foram ouvidos, em nome deste caráter relacional da dimensão de gênero, mas a maior parte das informações parte da perspectiva das meninas, que foram os sujeitos da pesquisa.

As jovens distinguem claramente três tipos de relações afetivo-amorosas: o “ficar”, o “rolo”, ou “rolinho”, e o namoro.

O “ficar” é a relação sem compromisso, que dura no máximo algumas horas e na qual não existe um envolvimento entre os parceiros. Está mais no plano da atração. O que mais importa na escolha de um “ficante” são seus atributos estéticos, o que não quer dizer que não exista também uma série de regras que regulem este tipo de relação.

Um casal que fica uma vez não deve nenhum tipo de fidelidade um ao outro. Alguns jovens até ficam com mais de um parceiro numa mesma ocasião – que não parece ser algo muito aceito por parte das meninas, o que demonstra que a falta de compromisso tem seus limites.

Em geral, nenhum namoro se inicia sem que antes o casal “fique” algumas vezes. Dessa forma, o “ficar” é uma relação de experimentação, que pode se transformar em um namoro.

Daniela (15): Aí outras meninas já vão ficando, aí vejam que vai dar futuro aí começam a namorar, namora.

Elaine: vão ficando pra tentar namorar com um deles?

Pollyana (14): é, pra ver se vai dar certo o namoro.

Carol (14): [...] porque tem menina assim, que quando namora, tem que sempre primeiro que ficar, né. Ai fica, fica, fica, depois de um mês, dois meses, aí começa a namorar. Que é muito difícil um menino chegar pra uma menina quer namorar comigo logo de cara. Primeiro ficar, ficar, aí com o tempo, ah, vamo namorar. Mas é muito raro mesmo chegar pra uma menina quer namorar comigo, assim logo assim direto, né. É muito raro. O menino geralmente fica, aí depois ele começa a namorar. Mas tem outros também que fica, fica, e depois, despacham, sabe? Menino, assim, no caso.

Elaine: mas daí como é que é, tem vontade de namorar, e enquanto não consegue encontrar um namorado vai ficando? Como é que é isso?

Patrícia (15): não sei. Quando a pessoa tá assim a fim mesmo, quando tá gostando mesmo, ela começa ficando. Sempre tem que ficar antes.

Angélica (15): porque é praticamente certo, você nunca vai começar um namoro sem ficar antes. Tem sempre tem que ter aquele rolo, sempre tem que ter, sempre tem que namorar, e tal.

Embora seja uma prática de todas as meninas que participaram da pesquisa, parece haver diferentes nuances de representações do “ficar”. O fato de nenhum namoro se iniciar sem que o casal “fique” algumas vezes, faz com que algumas meninas canalizem suas expectativas de modo a ver cada “ficada” como uma possibilidade de início de namoro. E nesse jogo é o menino quem tem o controle da situação, quem “manda”, conforme podemos perceber claramente na fala de Carol: “**o menino** geralmente fica, aí depois **ele** começa a namorar. Mas tem outros também que fica, fica, e depois, **despacham...**”

Já outras meninas, como Pollyana, preferem “aproveitar”, como disse uma das meninas entrevistadas (uma que não “aproveita”, pois é mais seletiva quanto a seus pares). Pollyana às vezes parecia querer chocar com suas colocações, bem diferentes das feitas pelas outras meninas, mas que merece ser citada:

Pollyana (15): eu já namorei, agora é só ficar. Namorado é muito ruim. É aquela lei de ou você bota gaia ou você leva (risos das outras meninas). Não é não? Ou você bota ou você leva. Diz por aí que quem bota não leva...

Elaine: ... fala mais sobre isso aí, qual a diferença de namorar e de ficar? O que que é melhor?

Pollyana: namorar, é você só com aquela pessoa. Você vai pr'um lugar você tem que ligar, e não sei o que, aí se o menino não vai aí já fica aquela coisa, ai, não quero ir não, não sei o que. Ficar não, ficar você tipo fica com um aqui, você vai ali beija outro, porque é uma coisa sem pedir satisfação. É melhor por isso, porque você não tem que dar satisfação a ninguém.

[...]

Pollyana: não, se um menino chega aqui e pede pra ficar comigo, ele é bonito, eu fico. Agora, se eu vou ali beber água, fazer alguma coisa tipo que eu não vou voltar pra esse menino, e outro menino mais bonito que aquele pede pra ficar comigo, aí eu fico de novo. Aí entende, né, assim sucessivamente.

Quando um menino e uma menina “ficam” em várias ocasiões seguidas, isso configura um “rolinho”. O “rolinho” ainda não é uma relação na qual se tenha um compromisso com o parceiro, não se exige fidelidade do “rolinho”.

É nesse tipo de relacionamento que se encontram as maiores angústias e ansiedades das meninas. Embora conheçam as “regras” do “ficar” e do “rolo”, elas parecem nutrir maiores esperanças de iniciar um namoro, e nem sempre são correspondidas pelos meninos. É comum as meninas começarem a “ficar” com um menino e perderem o interesse de procurar conhecer ou “ficar” com outros. Quando se inicia um “rolinho”, muitas meninas agem como se estivessem namorando, embora não verbalizem suas intenções de forma clara para eles. A expectativa de compromisso das meninas está geralmente um nível acima do esperado para cada relação – quando gostam de “ficar” com um menino têm a expectativa de que vire um “rolinho”; quando estão de “rolo” com alguém, já não “ficam” com outros, mantendo-se fiel, ao menos ao seu desejo.

Elaine: e as outras meninas, amigas de vocês, a maior parte namora, não namora, fica, como é que é?

Raquel (16): fica, fica ficando de rolo, assim, né. Hoje em dia o pessoal até brinca, assim, que ficar tá fora de moda. A moda agora é rolo, né. Porque ficar... fica hoje...

Angélica (15): amanhã não fica mais, fica só uma vez.

Raquel: aí fica naquela, é rolo, aí é o que tem mais gato, assim, sem ser namoro. Que **namoro é o perfeito**, assim. Mas aí fica assim aquela confusão, assim, ai meu Deus, será que ele vai ligar?

Angélica: agora é bem complicado, porque tipo, você fica, poxa, eu tô de rolo com ele. Eu não vou ficar com mais ninguém, mas ele tá ficando com um monte de gente, velho, que coisa. Que homem é assim, né.

Elaine: é, é diferente menino e menina?

Angélica: é diferente, é bem diferente, porque homem você fica hoje, aí vai ficar um rolo, mas ele continua ficando com outras pessoas. É incrível. Você não, aí você fica, mulher é sempre aquela coisa, né

Raquel: ele é o homem da minha vida, vou casar com ele.

Angélica: aí tipo... ah, eu tô ficando com ele, então não vou ficar com mais ninguém, porque mulher tem aquela criação.

Raquel: porque perde o interesse mesmo. Eu mesmo, aí a gente sai assim, aí fica sem graça ir nos lugares assim quando não tá, vai dar vontade de sair? Ah, ele não vai tá lá, pra que eu vou?

Elaine: ah tá. Mas então a menina acaba agindo quase como se fosse uma namorada, mesmo que não esteja namorando.

Angélica: é, age como uma namorada, só que...

Raquel: pior ainda, mais ciúme, assim, porque sabe que ele...

Elaine: mas tem consciência que não é?

Angélica: às vezes não tem consciência. Mas é aquela coisa, tem que ter consciência que você não tá namorando o cara, você só está ficando, você não tem nada, então se você vê ele ficando com outra pessoa você tem que engolir, tem que ficar calada. Mas é meio complicado. Essa história de rolo é bem...

O *namoro* é a relação mais fixa e com compromisso. É o grande desejo da maioria das meninas, sendo as outras formas de relacionamento vistas como preparação ou oportunidade de se iniciar um namoro.

Elaine: mas eu queria ter uma idéia de como é mais ou menos a situação, se as meninas tão querendo mais ficar, ou se tão mais querendo namorar.

Angélica (15): na nossa situação? Assim, é aquela coisa, depende do que vier. Eu quero namorar, viu, por favor. Mas é aquele tipo de coisa, depende da, por que às vezes você tá naquela época, eu não quero namorar, não quero dá satisf..., só quero curtir. Mas às vezes tá naquela, não, eu quero alguma coisa, depois você se sente só, e tal. Eu quero namorar, quero levar a sério.

Raquel (16): eu assim, eu acho que **a maioria do pessoal tá mais querendo namorar. Agora fica em busca de um namorado**, sabe.

Elaine: mas vocês acham assim que as meninas têm vontade de namorar? Tipo você assim que nunca namorou, você tem vontade?

Bruna (15): tenho.

Elaine: apesar dos pesares, né.

Bruna: é porque assim você, **não é uma coisa passageira, é uma coisa que você vai conhecer a outra pessoa, você não vai ficar passando de menino em menino, você vai ficar só com aquele.**[...]

O namoro implica na publicização da relação. Se os pais e familiares dificilmente sabem quando suas filhas “ficam” ou têm “rolinho”, eles sabem quando elas estão namorando. Geralmente também conhecem seus namorados, que passam a freqüentar suas casas. Esse acaba sendo um critério na decisão de namorar ou não namorar um menino – o namorado deverá estar disposto a iniciar estas relações com os familiares.

Mas encontrar um namorado não é tarefa fácil. Com um sorriso no rosto, Raquel (16 anos) responde: *“Querida, porque que você foi tocar nesse assunto traumático?”*, quando lhe pergunto se tem namorado. Ter (ou não ter) um namorado realmente parece ser um assunto “traumático” para a maioria das meninas que participaram da pesquisa, pois embora o namoro seja a relação “perfeita”, a mais almejada, sua busca envolve uma série de medos e inseguranças, e ocupa um espaço de tempo considerável na vida das meninas.

A maior parte dos sentimentos de insegurança vivenciados pelas meninas está relacionada com o medo de não serem correspondidas no “compromisso” de um namoro. Elas parecem ter uma visão extremamente negativa dos meninos, ou melhor, das expectativas que imaginam que os meninos têm das relações: eles “ficam só por ficar”, “querem liberdade pra tudo”, “não querem meninas ligando pra eles”, “traem as namoradas”, “têm uma vontade insaciável de sair, se divertir e ficar com outras”, enfim, “é difícil achar um que não seja galinha”.

Pollyana (14): eu quero namorar. Mas é uma coisa assim, tá, tá, lógico que às vezes eu me sinto sozinha...

Amanda (14): ...e o medo?

Pollyana: aquela vontade de ter, sozinha, mas eu tenho muito medo de chegar um dia a, ó a gaia, ó a gaia. Lógico que se a pessoa quer namorar com a outra é porque tá gostando. E se tá gostando não tem necessidade de querer ficar com outro.

Carol (14): tem menina que gosta só de ficar, os meninos só pensa em ficar, né, assim, não pensa em nada sério os meninos.

Cristina (15): esses menino de hoje em dia não querem compromisso, sabe, quer ter liberdade pra tudo. Hoje, aqui no shopping, ele fica com uma menina, amanhã, em outro lugar, quer ficar com outra, outra, outra, e assim vai.

Carol: Nunca quer ficar com a mesma, sabe.

Cristina: nunca quer ter compromisso. Sempre quer ter diversidade, liberdade.

Elaine: e as meninas não são tanto assim?

Cristina: não, tipo, a gente mesmo assim, eu não sou desse estilo de eu tá ficando com um menino hoje, amanhã eu fico com outro, não. Pra mim, se eu gostei dum menino, eu fico com ele várias vezes.

Ao colocar que nem todas as meninas são confiáveis no compromisso com uma relação mais séria, mas que os meninos são bem piores neste quesito, as meninas deixam claro que percebem o quanto são diferentes dos meninos com relação às expectativas com as relações afetivas.

... Quando eles namoram eles não dão totalmente atenção pra namorada. Se um menino chama pra sair, não sei o que, eles se divertem na boa, sem namorada. Mulher não, mulher se prende a ele. (Bruna, 15).

Homem bota mais [“gaia”], mas mulher também bota. Mas eu acho que hoje em dia...

Mulher é mais romântica, mais consciente, homem não. Homem vai levando. Eu acho que ainda é. (Ana Luiza, 19)

É, bem... tipo o menino fala não, ele quer ficar com você, aí (suspira) poxa, ele quer ficar comigo! Que bom, não sei o que. Com menino não, entendeu, tipo, ah, quero ficar com ela, ah, tanto faz se eu ficar com a outra também. (Angélica, 15).

Encontrar o menino para namorar será uma missão praticamente impossível, caso as meninas sejam fiéis ao modelo ideal que elas almejam. Para ter uma idéia, vou retomar as falas de três meninas, em uma única entrevista.

Para Ana Luiza (19), “eles demoram muito pra amadurecer”, por isso “idade conta. Pegar um mais novo não dá”. Por outro lado “muito mais velho não rola não. Eles já pensam em outra coisa”. O ideal seria “dois anos mais velho que você. Porque meninos são mais abestalhados que menina. Menina amadurece primeiro”, de acordo com Elis (16).

Para Karine (15), “pra você ter um relacionamento tem que ser uma pessoa de fora, não pode ser do ciclo de amizade”, e segundo Elis, quando um menino fica muito amigo “não dá mais pra ter nada”, então os meninos que elas ficam “são aqueles amigos que não tem aquela intimidade toda, que tem uns que são mais próximos, assim aquele que a gente só fala, que conhece, mas que não é amigo de conversar”.

O menino também não pode ser do tipo “galinhão”, pois elas não ficam (e muito menos namoram), nem muito “chicletinho”, “aquele que gruda”.

O namorado ideal, portanto, precisa ser um pouco mais velho do que elas, tão maduro quanto elas, não pode ser um amigo, mas deve ser alguém conhecido, precisa ser fiel e conhecer os limites da individualidade de cada um. Somando-se a outras características apontadas por outras meninas, o namorado deve ainda ser bonito, inteligente, deve gostar de sair com a namorada, ter bons antecedentes, ser confiável, ser mais quietinho, bem-comportado, ter boa cabeça e ser amigo. Além disso, existe a questão dos estilos: Cristiane prefere os arrumadinhos, Karine os roqueiros, Cristiane prefere os arrumadinhos mas acaba sempre gostando de roqueiros...

Elis (16): mas sabe qual é o problema? A gente diz que quer desse jeito...

Karine (15): mas quando gosta...

Ana Luiza (19): quando você gosta...

Elis: tem todos esses defeitos...

Ana Luiza: de bagunçado, de feio, de mais novo...

Elaine: então vocês tão falando do ideal, né?

Ana Luiza: quando você gosta, pode ser feio...

Elis: eu prefiro assim os mais arrumadinhos, mas os meninos que eu gosto é mais assim, estilo roqueiro, aí acaba assim, quando você gosta...

Karine: mas aí você tem uma coisa, uma ficada com um namoro. Porque ficar, tipo, tem dois meninos, um lindo e um bem feio, você vai olhar pra qual? Agora na hora de você namorar assim, pra conhecer uma pessoa, [...] você vê o conteúdo, pode o feio ser muito mais legal e o bonito ser um passado, com nada na cabeça. Só que pra ficar você vai escolher quem? E pra namorado? Aí tem que ver isso.

Encontrar um menino para “ficar” talvez não seja tão difícil quanto encontrar um para namorar, afinal, as exigências com relação ao “ficante” não são tão severas e estão mais no plano dos atrativos físicos. A seletividade na escolha do “ficante” existe na medida em que o “ficar” pode ser um passo para o namoro, e até pela existência dessa expectativa de começar um namoro com o “ficante”, é preciso relativizar falas do tipo “quando gosta...”, “...tem todos esses defeitos...”. A menos que a menina já esteja gostando do menino antes de “ficar” com ele, ela irá procurar um “ficante” que seja também um namorado em potencial.

Embora exista toda essa idealização da relação e do parceiro ideal, ou talvez em função disso, as meninas que conseguem encontrar um namorado acabam levantando mais aspectos negativos do que positivos com relação ao namoro.

Elaine: e como que é, assim, qual que é a diferença de tá namorando e não tá namorando?

Carol (14): assim. É bom você tá com quem você gosta, né. Então se você gosta desse menino, é você tá esse momento com ele, e também assim, você tá num show, assim, aí você tá namorando, você tem que se comportar, no caso, que tá num compromisso, não sei o que. E se você não tá com ninguém, você assim, você

aproveita, dança, que se o namorado tem ciúmes, tem namorado que tem ciúmes, aí você tá num show assim, aí você pode ver...

Cristina (15): mais liberdade...

Carol: é, mais liberdade, no caso, mas quando tá sozinha, assim, aí agora se você tá com o namorado, assim, você se sente mais presa, no caso, né. Eu acho assim.

Elaine: E você falou que se sente meio presa de sair com o namorado, como é que é isso?

Amanda (15): sabe o que é? Que assim, antes de eu namorar, eu não sou daquele tipo que saía muito não, eu sou muito caseira. Então quando ele diz, ó, eu não vou, não vá praquele canto, eu não sinto falta não, aí... mas quando eu quero muito ir pra um lugar e não posso ir pra não brigar, aí eu fico meio chateada. Eu me sinto presa.

Elaine: e se vocês saem pra um lugar que você também ia antes de namorar com ele, estando com ele é diferente?

Amanda: tipo assim, se a gente vai numa boate, ele não suporta que eu dance. Não quer que eu dance, e é um saco isso. É muito ruim. Ele é muito ciumento.

lara (14): ah, não vou sair não, por causa que eu tenho namorado, ele vai ficar em casa, eu vou ficar em casa também. Aí ele pega e sai você fica em casa. Porque ele não disse nada ah, eu vou sair, você deixou de sair com suas amigas porque disse que ia ficar com ele. Aí ele pega sai também.

Elaine: e isso é uma coisa que incomoda, que chateia, as meninas ficam chateadas com isso?

lara: eu fico chateada assim. Esse meu namorado agora, elas foram pro pagode e eu fiquei em casa por causa dele, não tinha vontade de sair, porque a gente tinha dado um tempo, sabe. Deixa de se divertir, deixa de viver praticamente por causa dele. Aí eu caí na real e acabou.

Para Simon Frith (1981), a cultura das meninas é uma *courtship culture*, por isso elas dedicariam mais tempo que os meninos se produzindo para sair. Talvez Frith seja um pouco exagerado ao fundar uma noção como essa, afinal, os meninos também pensam e se preocupam com as paqueras, mas a afirmação do autor de que os garotos são menos ansiosos a respeito de atrair garotas do que vice-versa parece condizer com a situação estudada em Recife. Para as meninas, segundo Frith, conquistar e manter um namorado apropriado é um problema de trabalho árduo e considerável preocupação, que envolve o problema do gerenciamento da sexualidade, a decisão de “até onde ir”. Os garotos são isentos dessa ansiedade.

No trabalho no qual investigou as atitudes, valores e comportamento sexual de 150 adolescentes americanos no final dos anos 80, Sharon Thompson, citada por Giddens (1992), conclui que o principal instrumento temático das histórias das garotas é o que ela rotula de “busca do romance”. É o romance o que liga a sexualidade a um futuro antecipado, sendo que

“os encontros sexuais são vistos como desvios no caminho para um relacionamento amoroso definitivo. [...] Entretanto, neste momento, a procura do amor romântico não significa mais o adiamento da atividade sexual até que o relacionamento desejado apareça. Fazer sexo com um novo parceiro pode ser o início do encontro fatídico buscado, mas mais provavelmente não o é.” (in GIDDENS, 1992, p. 60).

Talvez, se pensarmos em termos do “ficar” ao invés de relações sexuaisⁱⁱⁱ, a colocação de Thompson seja válida também para as expectativas das meninas estudadas em Recife. Aqui também a “busca do romance” está presente, sendo que uma relação estável é considerada por elas como a ideal.

Segundo Frith (1984), os estudos etnográficos mostram que enquanto ter um namorado é o foco da atividade de lazer feminina, não é uma fonte de muito prazer. O que as garotas dizem que mais as divertem é “dar uma boa risada”, “fazer o que querem fazer” e isto significa divertirem-se sem os rapazes. É mais ou menos isso que podemos concluir da seguinte conversa:

Amanda (14): Eu ia pra uma festa no Líbano agora, eu disse pra ele, que eu ia só com as minhas amigas. No outro dia ele me liga, meus amigos me chamaram pra eu ir pro Líbano, posso ir? Eu, fazer o que, vai. Mas aí lá eu fiquei pouco tempo com ele, Pollyana deu logo uma dispensada nele.

Pollyana (14): foi. Eu cheguei, porque assim, a gente sai mais pro shopping só, quando vai pra um show, esse negócio que ele vai, aí eu sou amiga dele, assim, normal, falo sempre quase com ele, mas aí, ela, ele chegou assim lá no Líbano e ficou com ela. Tava eu, ela e Malu, só, aí ia ficar eu e Malu segurando vela. Aí eu cheguei e disse, ó, desgruda um pouquinho que a gente quer ficar um pouquinho com Amanda. Que ela tinha passado um mês no Rio, a gente tava tudo morrendo de saudade dela, no colégio quase não podia se conversar, a gente não deu tempo de falar, nem teve contato com ela nas férias. Só telefone, aí...

[...]

Amanda (falando sobre namorar): eu acho que é bom, mas dá medo na gente, sei lá, porque vai passando o tempo, vai passando o tempo e você fica com medo de tá perdendo tempo da sua vida.

Elaine: perdendo o tempo?

Amanda: é. Porque sempre fala, ah, namorar [...] aí às vezes dá aquilo, ai, acho que tá durando muito. (atende celular)

Vários aspectos do namoro entre meninas na idade de Pollyana e Amanda podem ser pensados a partir de sua conversa. Em primeiro lugar, é possível perceber que existe a necessidade de aprender a administrar a atenção dada ao namorado para que a relação com as amigas não seja abalada – o que dizer e o que fazer com o namorado quando este quer participar de um evento que havia sido planejado para acontecer só entre as amigas? O que fazer com o namorado da amiga quando este está ocupando o espaço que era reservado para as amigas? Além disso, o namoro às vezes traz às meninas uma sensação de perda de tempo (“Acho que tá durando muito”). De fato a maior parte dos namoros das meninas não dura muito tempo - salvo algumas exceções, de relações de um ano ou mais, os namoros mais duradouros parecem se estender em média por uns cinco meses.

Iara é bastante enfática nesta questão de estar perdendo tempo estando namorando:

Iara (14): depende da pessoa você deixa de viver realmente. Você deixa de sair por causa dele, você deixa de sair com as suas amigas, deixa de fazer muitas coisas por causa dele, entendeu. [...] ah, se ele não for eu também não vou não. Ah, mas é de graça, não, não vou nem me divertir. Aí fica em casa.

Estar namorando, principalmente para as meninas que experimentam essa relação pela primeira vez, significa administrar ansiedades geradas por certas cobranças do namorado, (“ele não suporta que eu dance”, “tem namorado que tem ciúmes”, “tem que se comportar” se está com o namorado), ou seja, aprender a jogar o “jogo dos gêneros”, por um lado, e por outro saber administrar o turbilhão de sentimentos vivenciados pela primeira vez de modo a não mudar a relação com as amigas e a aproveitar o que o estar apaixonada proporciona de bom.

O diário que uma das meninas preencheu para esta pesquisa^{iv} traz um material interessante sobre alguns antagonismos de seu primeiro namoro:

Quinta-feira, 1º de maio de 2003. [...] Caio ligou hoje de noite pra mim. Passamos horas e horas no telefone. Foi tão bom! Falamos de tudo um pouco e principalmente um monte de besteiras. Ele disse que não gosta de futebol. Por um momento pensei: “Ele é guei!” Huahuahua!!! Acho que sou preconceituosa. Por uma parte é até bom, eu também não gosto de futebol mesmo. A gente falava no telefone ao som de Sarah Brightman. Foi quando chegou a música número 8, (Dust in the Wind) me arripei toda, meus olhos se encheram de lágrima. Essa música é perfeita, ela me faz refletir sobre a vida. Ai... ai... sei não viu?! E a pura coincidência é que ele também ama essa música.

Putz! Eu adorei falar com ele. É muito bom falar no telefone e ainda mais com uma pessoa super legal.

Domingo, 04 de maio de 2003. Hoje passei o dia todo em casa. Eu tava a ponto de “matar” um.

De tarde Caio ligou pra mim pra me dizer que foi a um show ontem no internacional de forró. Tipow, ele já tinha me dito que ia, só que depois disse que não ia mais porque eu não ia. Aí, vem ele me dizendo hoje, que foi pra esse show. Eu fiquei “p” da vida com ele. E ainda disse que dançou com uma menina lá e falou que tinha chamado Carla (a menina que ele dava em cima) pra dançar mas ela não quis. Ele falou pra mim que ela é gostosona e tudo mais. Depois que ele falou isso, fiquei toda fria para o lado dele. Eu acho que ele faz isso só pra eu ficar com ciúmes. E o pior é que eu estou caindo nessa.

Sentimentos extremos como se emocionar ao ouvir uma determinada música enquanto fala com o namorado ao telefone, a ponto dos olhos se encherem de lágrimas... sentir-se apaixonada (“ai... ai... sei não viu?!”)... e ao mesmo tempo aprender a lidar com o joguinho de ciúmes estabelecido pelo namorado – não parece ser fácil lidar com afetos tão antagônicos gerados no relacionamento com uma mesma pessoa.

Além disso, ao que parece, nos “rolinhos” e namoros são os meninos que detêm o poder na relação, na medida em que são eles que exigem fidelidade total delas (a ponto de alguns não gostarem quando as namoradas dancem numa festa); são elas que deixam de fazer coisas que faziam antes do namoro por conta do ciúme do namorado (deixam de viver, deixam de sair com as amigas).

Quando a situação se reverte, e a namorada passa a fazer restrições quanto ao comportamento do namorado, isto não é visto com bons olhos pelos amigos dele, conforme a entrevista com este rapaz de 18 anos:

Elaine: e muda muita coisa, na amizade dos meninos, quando um começa a namorar?

Tiago: às vezes, às vezes muda. Começa a deixar o amigo de lado. Tem uns que não são tão influenciado não, mas tem outros, que são dominado, dominado. Teve um colega da gente, que por sinal ele tem o mesmo nome que eu, Tiago Carneiro também, a gente ficava dizendo os primos, aí ia sair pro cantos, a namorada dele ia, Tiago, você não vai beber porque está comigo, a gente só olhava assim pra cara da menina, como é que é? [...] não vai sair, vai sair comigo... tu escolhe aí, bota aí na tua agendinha, hoje vou sair com os amigos...

Elaine: aham, então esse namoro não foi aprovado...

Tiago: ficaram um tempão, acabaram agora mas vão voltar. Só não vai durar muito porque a menina vai fazer intercâmbio agora, aí vão se separar. Que vira e mexe, tavam junto.

Elaine: essa coisa assim de aprovarem a menina, porque pode acontecer também da menina não aprovar os amigos do namorado, tipo ela não gostar muito de vocês. Acontece isso também?

Tiago: eu acho que isso é menos [...] não tem nenhum [...] nenhum chato, todo mundo é pra cima. Só se for por conta da grêa. Mas não tem nenhum chato, não, meio enjoado assim. Na turma da gente não tem espaço pra isso não. [...] começar a tirar onda...

Elaine: sei lá, as meninas podem achar vocês muito palhaço.

Tiago: aí pode até achar. E se achar eu apóio. Sou palhaço.

Tiago disse que para um namoro de um dos meninos “ir para frente”, a namorada precisa “ser aprovada” pelos amigos. O interessante é que Tiago não admite que alguma menina pode “não aprovar” o círculo de amigos do namorado. Parece que para Tiago, quem precisa ser avaliada é a pretendente. Os comportamentos dos meninos não precisam, ou não podem, ser questionados, já que são os legítimos para o gênero.

Mas quais são as expectativas dos meninos quanto às relações afetivo-amorosas? Entre os poucos meninos que conversei, nenhum deles disse muito abertamente desejar ter uma namorada, mas ao mesmo tempo eles não assumiram nunca ter desejado esse tipo de relação. Veja o caso de Tiago:

Elaine: Ah, Tiago, tu não tem namorada, né? Já namorasse, “seriamente”?

Tiago (18): não. (risos) seriamente não.

Elaine: mas namorasse não seriamente?

Tiago: já. Por incrível duas semanas. Foi meu recorde.

Elaine: teu recorde foi duas semanas? Se não é só mais ficar, assim?

Tiago: não consigo não, ficar.... não imagino ficando, eu tô vendo meu amigo vai fazer dois anos amanhã, no Dia dos Namorados, vai fazer dois anos amanhã, não sei como você consegue, dois anos, o máximo que eu consegui foi duas semanas. Meu amigo... eu vejo o baixista da minha banda, ficou cinco anos com uma menina!

Elaine: esse rapaz que tava aqui?

Tiago: não, não, o baixista da minha banda. [...] namorou dos 12 aos 17, com a mesma menina! [...] não agüento não. Oxe! Cinco anos com a mesma menina, não dá certo não.

Elaine: mas o que que tu acha que tem no namoro que tu não agüenta? É a rotina?...

Tiago: não sei, não sei, não sei, não sei.

Elaine: ou é porque não encontrou a menina certa?

Tiago: é, vai ver é isso. Não encontrei a Cega. (risos) o Cego não encontra a Cega, não tão olhando, não tão procurando direito.

Elaine: não tão se vendo.

[...]

Elaine: e a maior parte dos teus amigos namorou mais firme, ou é mais de ficar, como é que é isso?

Tiago: não, não. Pedro, aquele que namora com a Tarsila, tão um tempão namorando já.

Elaine: o Pedro é aquele que da outra vez eu vi, né?

Tiago: não, não. Aquele tá com uma namorada, tem cinco meses, já. Semana passada deu cinco meses.

Tiago diz não saber porque nunca namorou “seriamente” com uma menina. Talvez seja porque ainda não encontrou a menina certa. De qualquer forma, o fato dele saber o tempo de namoro de cada um dos amigos, inclusive o dia de aniversário de namoro de cada um, pode indicar que ele não permanece indiferente a estas relações. Com as meninas eu pude observar o mesmo interesse pela história do namoro das amigas.

A busca pelo par ideal existe tanto entre meninos quanto entre meninas. A diferença é que, para elas, cada “ficante” pode ser visto como um namorado em potencial, e o “ficar”, na maioria das vezes, acaba se transformando numa busca pelo namorado. E isso é percebido de uma forma essencializada, como se fizesse parte das meninas, da mesma forma como as expectativas dos meninos quanto aos relacionamentos afetivo-amorosos também são vistas de forma essencializada pelas meninas:

Elaine: e os meninos, tem diferença, assim, querem namorar mais, ou querem namorar menos?

Daniela (15): ai, é menos.

Pollyana (14): eles ficam assim...

Daniela: só por ficar.

Pollyana: sei lá! A não ser que eles gostem mesmo da menina, aí eles vão querer namorar, né.

Daniela: aí menino não é assim, eu acho pelo menos, que menino não é assim, namora um mês e acaba. Eu acho que menina é assim, mas eu acho que menino não, porque menino namora quando tá gostando mesmo, e não acaba por besteira não.

Pollyana: tipo assim, eles só namoram quando eles gostam mesmo.

Podemos dizer que as meninas compartilham de um ideal de amor romântico, onde a *busca* pelo menino ideal tem um papel fundamental, e onde os meninos são vistos como seres diferentes, que precisam ser conquistados, para que desta forma compartilhem de expectativas parecidas das delas (quando o menino gosta mesmo, ele quer namorar, e até vai levar essa relação mais a sério do que algumas meninas que continuam sua busca pelo parceiro perfeito). Segundo Giddens,

“no amor romântico, a absorção pelo outro típica do *amour passion*, está integrada na orientação característica da ‘busca’. A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro. Possui um caráter ativo e, neste aspecto, o romance moderno contrasta com as histórias românticas

medievais, em que a heroína em geral é relativamente passiva. As mulheres das novelas românticas modernas são em sua maioria independentes e corajosas e têm sido consistentemente retratadas deste modo. O motivo da conquista nestas histórias não se parece com a versão masculina da conquista sexual: a heroína encontra e entenece o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente e distante dela, ou ainda abertamente hostil, a heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção.

Se o *ethos* do amor romântico é simplesmente compreendido como o meio pelo qual uma mulher conhece o seu 'príncipe', isso parece realmente superficial. Embora na literatura, como na vida, às vezes as coisas se passem deste modo, a conquista do coração do outro é na verdade um processo de criação e uma narrativa biográfica mútua. A heroína amansa, suaviza e modifica a masculinidade supostamente intratável do seu objeto amado, possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz de suas vidas juntos." (GIDDENS, 1992, p. 57).

O moderno ideal romântico da busca do "príncipe", portanto, não pode ser visto como sinal de passividade feminina. É justamente o amor das meninas, suas ações, o que faz com que o coração dos meninos se enteneça. São elas as responsáveis pela busca e pela transformação do coração bruto e indiferente do homem, que depois de conquistado será o responsável em manter a estabilidade da relação.

Regras do namoro à moda contemporânea

Frith (1984) já afirmou que a análise da juventude em termos de *normas de comportamento* nos seria útil para entender diferenças entre meninos e meninas. Para o autor, haveria diferenças em termos da ocupação do tempo de acordo com o gênero, com as meninas tendo obrigações domésticas desde cedo, e os meninos passando mais tempo na rua. De fato, estas diferentes ocupações do tempo por rapazes e garotas estão em consonância com os papéis tradicionais de homens e mulheres adultos. Mas existem ainda outras normas de comportamento que podem elucidar as diferenças de gênero na juventude: são as regras que os próprios jovens estabelecem para seus comportamentos e que ficam claras principalmente naqueles aspectos que se referem às relações afetivo-amorosas.

Aqui foi possível perceber que havia um discurso que permeava não só as relações de gênero, mas todas as práticas das meninas com as quais trabalhei. É o que chamei de discurso do bom-comportamento, que era articulado para posicionar as/os jovens num "nós" e "as/os outras/os", de acordo com suas práticas – ao mesmo tempo em que estas práticas também eram avaliadas por este discurso do bom-comportamento de acordo com quem as praticava. Assim, ao mesmo tempo em que preferiam a amizade de certas meninas e não de outras que tinham comportamentos que elas consideravam inadequados – fumar, beber, "ficar" com vários meninos – estas mesmas meninas

admitiam que tinham amigas que fumavam, bebiam, mas que “eram cabeça”. Um exemplo da articulação deste discurso no que concerne as relações com os meninos:

O último eu fiquei com um amigo do meu primo. Mas não foi assim eu conheci e fiquei. Teve todo um... eu conversei com ele, ele pediu pra ficar comigo eu não fiquei, entendeu, deu uma de difícil se se pode dizer isso, eu acho que torna mais interessante. Até porque a paquera eu acho tão interessante. Dá aquele ré, aí volta. Não ré, mas deixa uma incógnita no ar. Mas eu prefiro ficar com pessoas assim que eu já conheça. (Angélica, 15 anos).

A fala de Angélica traz uma série de elementos do que estou chamando de bom-comportamento e que regula as ações das meninas como um “modelo ideal”. A menina não “ficou” com o amigo de seu primo na primeira vez que o viu, porque “prefere ficar com pessoas que já conhece” e também porque dessa forma acredita criar uma certa expectativa da parte do menino. Ele terá que esperar uma outra oportunidade e insistir um pouco mais para conseguir “ficar” com ela.

Angélica não deixou de “ficar” com o menino no primeiro encontro por não estar “afim” dele ou por não considerá-lo atraente, mas para “deixar uma incógnita no ar”. Este seria um comportamento tipicamente feminino: “dar uma de difícil” é importante para que o menino ou as outras meninas saibam que ela não é “fácil”, já que ser “fácil” é praticamente um sinônimo de ser promíscua. O papel de um menino, ao contrário, seria o de não perder a oportunidade de “ficar” com uma menina atraente.

Às vezes o comportamento e os discursos das meninas parecem ser ambíguos com relação a este aspecto. Embora tenham clareza de que diferentes regras de comportamento para homens e mulheres são uma construção social (“mulher tem essa criação”) mostrando-se insatisfeitas com isso, o próprio “jogo da sedução feminina” que elas exercem, “dando um ré” de vez em quando, “dando uma de difícil”, acaba por afirmar estas diferenças.

Desta forma, os jovens acabam reproduzindo um modelo tradicional de relações de gênero e de “retórica corporal”^v que vê a sexualidade feminina como algo a ser preservado, ao contrário da sexualidade masculina, que precisa ser exercida.

Os pais têm um papel muito importante na reprodução de modelos diferentes de relações de gênero para as meninas e para os meninos. Embora o “ficar” e o “rolinho” não sejam necessariamente assuntos para se colocar em pauta com os pais, a maior parte das meninas diz ter uma relação boa e aberta com seus pais, sendo os conselhos dos adultos também levados em conta.

Eles (os pais) sempre me deram muito conselho [...] mas é o tipo de coisa, se eu vou lá e falo, mãe, eu tô a fim de ficar com um menino, ela fala, não, fique, agora o tipo de coisa, se você quiser ficar fique pra ter um rolo ou então pra namorar, porque pra ficar pra ficar uma vez só e parar... (Angélica, 15).

É tipo cuidado pra você não sofrer, olha a fama, cuidado pra você não sofrer com essa história de ficar... (Angélica, 15).

As meninas continuam sendo vistas como seres mais frágeis, que devem cuidar “para não sofrer” nos relacionamentos com os meninos. Também é preciso ter cuidado com a imagem construída em torno de si – “olha a fama”. Segundo Fraga (2000)

“[...] para uma menina boa-moça as exigências sociais são diferentes daquelas esperadas de um menino bom-moço. Para ela, desde muito cedo, as atribuições se referem a toda uma constelação de valores e atitudes que reafirmam de forma constante o seu destino biológico: a maternidade. Dentro disso, espera-se que a menina tenha um cuidado redobrado com seu próprio corpo e que se comporte dentro dos padrões de conduta previstos para a futura mulher / esposa / mãe. Para tanto, exige-se um demorado aprendizado sobre como se conduzir apropriadamente – é preciso ‘andar direito’; ‘andar na linha’ para não ficar ‘falada’.” (p. 91).

Através do discurso do bom-comportamento incorporado pelas meninas certas diferenças de gêneros são vistas de forma essencializada, como se fizessem parte ou constituíssem homens e mulheres, e outras são atribuídas à educação recebida em casa. Um exemplo é quando elas falam de traição no namoro:

Angélica (15): é o tipo de coisa, depende do homem assim, porque eu conheço muitos meninos, muitos meninos com namorados, por causa do meu primo, e muitos deles traem, a namorada, mesmo assim, que goste tá ligado, mas sempre querem, **é incrível, eles têm esse, essa vontade insaciável de sair, se divertir e ficar com outras**. Eu já vi muita gente que trai a namorada.

Elaine: as meninas não fazem isso, ou tipo assim, vocês não fazem mas tem meninas que fazem, como é que é?

Raquel (16): tem muita menina que faz, mas não a maioria, né.

Angélica: de traír?

Elaine: é, de traír, de tá namorando ficar com outra...

Angélica: eu acho assim que **pelo jeito que eu fui criada**, eu nunca namorei, mas eu acho que, eu tenho certeza de que se eu tiver namorando com um menino se eu pensar em traír ele, se eu pensar assim, tipo, não eu vou traír ele, é porque eu não quero mais, vai ser porque eu não quero mais ficar com ele, sabe?

Raquel: mas tem muito por aí. É porque a galera [...]

Angélica: é óbvio. Tem muita mulher também que trai.

O discurso do bom-comportamento serve, portanto, para questionar certas atitudes que elas próprias consideram corriqueiras “hoje em dia” (como a traição), colocando-as num lugar seguro, longe desses comportamentos inadequados (“mas tem muito por aí”; eu nunca traíria).

Embora o “ficar” tenha sido uma inovação nas relações de gênero de jovens a partir dos anos 90, podendo ser até visto como um passo a mais em direção a relações mais igualitárias entre jovens homens e mulheres, através do discurso do bom-comportamento, as meninas demonstram ter visões extremamente negativas de meninas e meninos que não almejam relações mais estáveis, envolvendo certo compromisso:

Ana Luiza (19): não quer compromisso, hoje em dia, ninguém quer compromisso.

Elaine: os meninos não querem ou as meninas também não?

Ana Luiza: os meninos em especial, mas as meninas hoje em dia tão se tornando muito... vamo dizer, vadiazinhas assim. Não querem nada com a vida.

Karine (15): hoje em dia não é só menino que não quer nada não, porque tem muita menina que eu conheço que eu presencio mesmo que hoje fica com um, outro dia fica com outro, não tá nem aí pro que eles pensam, só quer mesmo é beijar.

Desejar uma relação estável, um compromisso, ainda é sinônimo de responsabilidade, e as meninas que não seguem esse modelo podem ser “vadiazinhas”, que “não querem nada com a vida”, embora as mesmas meninas que fazem essas acusações denunciam como homens e mulheres são cobrados de formas bem diferentes quanto às condutas mais adequadas. Duas imagens correntes na sociedade, desde muito tempo, são exemplos destes diferentes modelos de condutas – o “garanhão”, a “galinha”:

Karine (15): e o que é pior, o menino que fica com 3, 4 meninas é o máximo, e menina que fica com 2 já é vadia, galinha, é tudinho.

Elis (16): pra mim, os dois são, não presta.

É, porque vê só, se um menino faz isso, ele é tido como garanhão. Agora quando uma menina faz isso ela é uma galinha, ela é vassourinha, sai pegando todo mundo, entendeu? São termos usados, né, assim, completamente diferentes. Que daí os dois fazem a mesma coisa só que um recebe, sai como o bonitão, gostosão, e a outra sai como a que não presta. Aí tem isso. (Sheila, 15).

Embora algumas práticas levadas a cabo pelas meninas, como o “ficar”, de certa forma questionem os modelos tradicionais de condutas adequadas para cada gênero, seu discurso, mais do que reclamar e pedir a liberação de certas cobranças feitas comumente aos comportamentos femininos, parecem pedir que meninos também se comportem como elas – “pra mim, os dois são, não presta”.

Isso aponta para certas mudanças nas práticas afetivo-amorosas de meninas bem-comportadas – a emergência do “ficar” permite às meninas experimentar relacionamentos (efêmeros) com diferentes meninos, sem *necessariamente* ficarem mal-faladas. Os pais sabem que isso “é normal hoje em dia” e elas, diante das dificuldades de encontrar o menino ideal para a relação “perfeita”, o namoro, se permitem conhecer diferentes meninos através das “ficadas” e dos “rolinhos”. O outro lado da moeda é que elas ainda têm idealizações completamente românticas sobre o parceiro e a relação perfeitas. Se as práticas parecem apontar para uma maior equidade de gênero, os discursos e regras que regulam essas práticas, assim como os estereótipos associados a estas regras, continuam os mesmos de há muito tempo atrás.

“Coisas de mulher”: conversas do “Clube da Luluzinha”

Segundo Simmel (1983), as conversas são o elemento mais fundamental da sociabilidade, tendo seu fim no próprio conversar. Diferentes tipos de conversa, portanto, fundamentam diferentes tipos de sociabilidade, e este seria um meio privilegiado para percebermos algumas diferenças de gênero.

Tanto os meninos como as meninas que participaram da pesquisa percebem o quanto o gênero influencia do tipo de conversa travada no grupo de amigos. Existiriam assim “conversas de homem” e “conversas de mulher”, além das conversas compartilhadas entre os dois gêneros.

As “conversas de mulher” geralmente são sobre os meninos e atores de TV e cinema – comentários sobre os meninos com quem elas ficaram, seus dotes físicos ou sua personalidade; histórias de namoros, traições, infidelidades, paixões; etc. – ou então sobre “assuntos de mulher”, como menstruação, cólicas, coisas referentes a seu corpo.

Elaine: e sobre as conversas... que nem você tava falando, não dá de falar tudo pros meninos. Quando tão só entre meninas, o que que vocês conversam geralmente?

Patrícia (15): mais deles (risos).

Amanda (15): é, exatamente, pronto, falam deles.

Patrícia: coisa de mulher também. Que tem também coisa de mulher que é meio assim, sei lá, é meio chato, assim, vergonha.

As “conversas de mulher” em geral são mais íntimas que as conversas entre meninos e meninas. Só entre elas, é possível conversar sobre certos assuntos que elas não podem compartilhar com os meninos – os temas relacionados com seu corpo quando divididos com os meninos as exporiam demais; além disso, o que iria pensar um menino que as ouvisse comentando sobre o quanto “fulano” é “gatinho” ou “gostosinho”? Parece existir uma cumplicidade maior nas conversas entre indivíduos de um mesmo gênero, em especial por se confiar que os assuntos discutidos ali não chegarão a ouvidos errados.

Nem tudo que a gente conversa com menina com menino assim a gente conversa. [...] Você não fica à vontade conversando tudo com o seu amigo. (Amanda, 15 anos)

Elaine: e com menino vocês também conversam tudo, que nem com menina?

Amanda (14): (risos).

Ana (16): não. Dá não pra conversar tudo com menino.

Amanda: é porque eu não converso mesmo. Nossa! Do jeito que são, falam tudo. Oxe! Que nada!

As conversas sobre a *aparência* também são compartilhadas principalmente entre as meninas. Roupas, maquiagem, acessórios, o que cai bem em cada um delas, a loja nova que abriu no shopping com belas peças à venda, são assuntos eminentemente femininos, assim como a *fofoca*. Falar da vida dos outros, comentar a roupa que outra menina estava usando em certa festa, fazer restrições a comportamentos inadequados de meninos e meninas, reclamar de amigos que faltaram com companheirismo ou reciprocidade, enfim, fazer comentários sobre a vida alheia, por mais que também seja algo que os meninos fazem, é visto como uma área em que as mulheres seriam especialistas. Segue uma conversa na qual os meninos falam sobre isso:

Elaine: e outra coisa, essa coisa de dizer que, assim, não sei se você, que diz que mulher é fofqueira, entendeu, essa coisa de falar, de comentar...

Tiago (18): olha, quem disse que homem não fofoca tá mentindo.

Elaine: homem também fofoca?

Tiago: má...

Elaine: e é diferente fofoca de homem e de mulher?

Tiago: ah, não sei, não. Não, é mais porque, porque mulher fofoca, não, isso é verdade, mulher fofoca bem mais do que homem. Pra qualquer assunto elas têm mais fofoca. Homem não, homem fofoca mais o que? A mulher dos outros, a festa, o que fulano fez ou deixou de fazer, esses assuntos assim, e tal, mais, mulher chega e, eu saio com as meninas mesmo e, naquele dia, no primeiro dia que tu conhecesse a gente, a gente ali sentado, daí começava Débora, olha a roupa daquela menina que tá sentada ali. Aí eu já botava a mão na testa, meu irmão, falar mal da roupa dos outros! Aí Amanda olhava, meu Deus, que brega, aí eu me viro, deixa de ser indiscreto, olha, é pra olhar mesmo, tô nem aí...

Elaine: e essas coisas entre os meninos vocês não...

Tiago: a não, a gente não vai ficar falando, eta, ó a roupa daquela menina.

Elaine: ou a roupa daquele cara, pode ser alguém que aparece muito fora da realidade, uma coisa muito,

Tiago: aí diz, aquele cara é punk, aquele cara é muito punk. Mas não fica falando, eta, a camisa daquele cara tá amassada, eta, a cueca dele tá aparecendo, não tô preocupado.

Elaine: não tão nem aí. Mas assim, os meninos reparam também nas meninas. [...] é, como é que é isso? Ela tá muito gordinha, olha a barriga dela, tá aparecendo, que enorme, que mulher arrombada, esse tipo de coisa... não tem esses comentário? Fala que não...

Tiago: tem, isso tem, isso tem.

Elaine: aham.

Tiago: fica passando, senta o grupo dos meninos aqui no shopping, aí bora ficar olhando, aí fica olhando a menina passar, aí outro, oxe, é muito feia, ô mulher bonita, isso não é gosto, é desgosto, [...] e tal, mas oxe, olha a sandália dela, não, olha a saia dela, nunca parei pra ficar falando.

Eles admitem: homem também fofoca. Mas a fofoca masculina é de cunho informativo, uma forma de passar as notícias da última festa, de comentar quem bebeu demais ou que “ficou” com a menina mais bonita, ou mais feia. Segundo eles, as meninas se interessam em comentar coisas “não comentáveis”, como os detalhes da roupa das pessoas, o bom ou mau gosto em se vestir e em escolher acessórios.

Isso é bem compreensível, afinal, são as meninas que estão no shopping aprendendo a *escolher*, e a *buscar* o que é mais adequado para elas (a roupa que lhes cai melhor, o menino ideal, a relação perfeita). As conversas de mulher estão em consonância com essa experiência formativa que elas compartilham com outros membros de sua microcultura nos seus locais de sociabilidade.

E quais seriam os assuntos compartilhados só entre meninos? Segundo os meninos:

Elaine: tá, então vocês disseram que elas conversam sobre roupas, sobre paquera, mas vocês não conversam sobre isso?

Pedro (18): também.

Tiago (18): roupa?

Pedro: não, roupa não.

Tiago: roupa não.

Pedro: não, roupa não.

Tiago: não tem esse negócio de roupa não.

Pedro: roupa não, mas a gente é pior, a gente...

Tiago: futebol, mulher e rock n'roll.

Pedro: olhe, olhe, outra coisa que a gente também, aquela coisa bem [...], que o esporte nacional do pessoal é falar da mulher do outro. Namorada.

Elaine: não, pera aí, pera aí, deixa eu anotar futebol, ...

Tiago: e essa história toda de fofoca é mentira, é mentira.

Elaine: essa aí nunca ninguém me disse, que fala da mulher do outro.

Tiago: ô. Ixe!

Pedro: oxe! Olhe, é o esporte nacional, é o hobby nacional. É falar da mulher do outro, é o apontar defeito na namorada do outro.

Tiago: e rir ainda (risos)

Elaine: mas com o outro presente?

Tiago e Pedro: também, também.

Tiago: [...]

Elaine: e o cara não, o cara não...

Tiago: não fica arretado não?

Pedro: [...] daí fala da mulher do outro. Daí o cara faz, não, porque, eu vi a tua namorada, pô, ela tava comprando, só que o sapato era com desnível. E a tua, pô, que é zarolha, aí começa.

Elaine: ah, então é coisas hipotéticas, não é coisas reais?

Pedro: não, são, não são tão...

Elaine: tão exageradas?

Pedro: não tanto. Algumas até são, entendesse? Mas assim, a gente leva tudo muito mais na brincadeira, mas toda brincadeira tem um fundo de verdade.

Tiago: um fundo de verdade.

Conversar sobre a mulher do amigo, num tom jocoso, não é visto pelos meninos como fofoca, embora “toda brincadeira” tenha “um fundo de verdade”. Se as meninas usam suas fofocas e suas conversas para falar diretamente o que pensam sobre as pessoas (embora nem sempre diretamente a estas pessoas) fazendo comentários restritivos, entre os meninos essas restrições são

passadas em tom de brincadeira. Assim, ao invés de conversar seriamente com o amigo e lhe dizer que não acha sua namorada muito bonita – as meninas provavelmente constroem conversas nas quais é possível fazer esse tipo de comentário entre amigas, principalmente porque amigas perguntam a opinião das amigas sobre isso – os meninos usam a brincadeira, a “tiração de onda” para passar suas opiniões. É possível que os meninos se preocupem tanto quanto as meninas com aparência das pessoas que os rodeiam, embora seus comentários jocosos estejam mais direcionados aos dotes físicos dos outros do que com a forma como se vestem.

* * *

Embora os espaços mais citados para o lazer e a sociabilidade das meninas, nas entrevistas e conversas mais formais, tenham sido o shopping center e as boates, nas conversas mais espontâneas as meninas falavam também de reuniões na casa de uma amiga, das quais só participavam as meninas.

Alguns dos meninos entrevistados chamavam estes encontros de “clube da luluzinha”, onde “menino não entra”, e pareciam nutrir uma curiosidade bastante fantasiosa sobre o que acontecia nestes encontros. Um deles disse que este seria o espaço para as meninas romperem com suas imagens de moças bem-comportadas, transgredindo as regras que freqüentemente aparecem em seus discursos.

Tiago (18): os clube da luluzinha, vamo se encontrar na casa de fulaninha todo mundo, êita, e lá vai, [...] ah, não sei o que, a mãe de Marisa vai viajar, vamo pra lá, todo mundo aí vocês, né, todo mundo.

Elaine: vocês já sentem que não é pra vocês irem também?

Tiago: eu já né, eu já sou carta fora do baralho.

Talvez não seja só menino que “não entra” nesse “clube da luluzinha”. Eu também não consegui participar de nenhum desses encontros na casa das meninas. Pelo o que elas me disseram, essa seria a oportunidade de passar várias horas juntas brincando (jogando algum jogo ou brincando com as pessoas que passam na rua, coisas que elas mesmas consideram como sendo de meninas mais novas), comendo (às vezes cada uma leva um prato pronto, outras vezes elas mesmas preparam um churrasco ou lanche), assistindo filmes, rindo. E em especial entre as meninas mais velhas, é possível que estes encontros realmente envolvam o consumo de bebidas alcoólicas ou de algumas drogas ilícitas mais leves.

De qualquer forma, por mais que a aproximação dessas práticas teria sido importante para esse trabalho, o fato desses “clubes da luluzinha” serem encontros para um seletivo grupo, sem a presença de meninos ou de adultos, já é bastante significativa. Segundo McRobbie e Garber (1996), enquanto a cultura dos meninos agrega outros meninos, a cultura das meninas exclui as pessoas indesejáveis: “[...] in boys’ groups the emphasis is on masculine unity, in girls cliques the purpose is to

shut out other girls” (JULES HENRY apud MCROBBIE e GARBER, 1996, p. 221). E as autoras acrescentam: “we would add that girl culture, from our preliminary investigations, is so well insulated as to operate to effectively exclude not only other ‘undesirable’ girls - but also boys, adults, teachers and researchers” (MCROBBIE e GARBER, 1996, p. 222).

Conclusão

Foi possível perceber que o uso da noção de gênero tem muito a contribuir para os estudos sobre juventude. Neste trabalho, talvez a maior contribuição tenha sido possibilitar a inclusão das meninas de forma mais positiva no debate sobre juventude, não através de seu papel ou visibilidade dentro de culturas juvenis – sempre definidas e estudadas a partir dos comportamentos masculinos, e sem o cuidado de ver estes jovens enquanto indivíduos com determinado gênero – mas através da forma como as próprias meninas vivenciam as suas juventudes.

Há ainda muitas diferenças entre as formas como meninos e meninas experimentam a juventude. Aqui temos apenas algumas pistas, já que neste trabalho os sujeitos principais foram elas. Uma comparação mais cuidadosa sobre, por exemplo, as expectativas de meninos e meninas com relação aos relacionamentos seria bem-vinda.

Outro ponto que abordei aqui e que mereceria estudos mais detalhados se refere às “conversas de mulher” e “conversas de homem”. Neste sentido, valeria nos perguntarmos sobre as relações entre linguagem, gênero e idade, e as possíveis diferenças nas formas como meninas e meninos articulam seus discursos; e os estudos no campo da Antropologia Lingüística que se preocupam com o uso social da linguagem seriam de grande importância.

Além disso, o que chamei aqui de discurso do bom-comportamento poderia ser mais bem entendido se ampliássemos a sua abordagem com o uso mais cuidadoso de categorias vindas destes estudos lingüísticos. Valeria investigar, por exemplo, a forma como este discurso também se constitui como uma prática – já que em minha pesquisa eu posso ter dado a entender que existia uma dicotomia (reducionista) entre discurso e prática, quando podemos observar que uma das práticas que mais exercemos é justamente o uso social da fala.

Além da dimensão de gênero, que privilegiei neste artigo, um último ponto merece que seja lembrado, para que futuras pesquisas possam se debruçar sobre ele: eu trabalhei com “jovens bem-comportadas”, que se definiam enquanto tal – e isto está diretamente relacionado com suas construções e relações de gênero – e não foi fácil este trabalho. Isto por dois motivos: primeiro, porque praticamente não existe material teórico produzido sobre jovens que não vivenciam suas juventudes através de comportamentos desviantes ou espetaculares, portanto eu precisei construir meu *corpus* teórico a partir de uma série de noções vindas de diferentes lugares. Segundo, porque

também não temos ma reflexão apurada sobre as metodologias mais adequadas para lidar com estes jovens, e por isso precisei fazer de meu trabalho de campo uma espécie de laboratório, onde não só meus sujeitos, mas também minhas abordagens estavam constantemente sendo repensadas.

Não seria tempo de começarmos a dar maior visibilidade e voz aqueles que não têm aparecido em nossas reflexões sobre juventude, como as meninas e os meninos enquanto meninas e meninos, jovens de cidades pequenas, jovens bem-comportados? Desta forma, acredito que estaremos caminhando com passos mais firmes para a construção de uma verdadeira teoria sobre juventude, que não se debruce apenas sobre os jovens que de alguma forma têm conseguido sua visibilidade através de sua presença “problemática” ou “desafiadora”.

Bibliografia

BALANDIER, Georges (1976). **Antropo-lógicas**. São Paulo: Editora Cultrix.

BOURDIEU, Pierre (2000). **Cuestiones de Sociología**. Madrid: Ed. Istmo.

BRITTO DA MOTTA, Aida (2000). *Gênero e Geração: de articulação fundante a ‘mistura indigesta’*. Trabalho apresentado no VI Simpósio Baiano de Pesquisadora (es) sobre mulheres e relações de gênero.

FEIXA, Carlos (1998). **El Reloj de Arena**: culturas juveniles em México. México: Causa Jovem/Centro de Investigación y Estudios sobre Juventud.

FRAGA, Alex Branco (2000). **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica.

FRITH, Simon (1984). *Critiques of Sub-Cultural Theory*. In: **The Sociology of Youth**. Londres, Causeway Press Ltd., Pp. 49-58.

_____ (1981). **Sound Effects**: Youth, Leisure and the Politics of Rock n'Roll. New York, Pantheon Books.

GIDDENS, Anthony (1992). **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista.

HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (eds.) (1996). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Routledge.

HEILBORN, Maria Luiza (1992). *A costela de Adão revisitada: gênero e hierarquia*. XVIII Reunião Anual da ABA. Belo Horizonte.

HEILBORN, Maria Luiza (2002). *Sobre sexualidade, gênero, corpo e juventude*. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC; Ed. 34.

JELÍN, Elizabeth (1994). "Las Familias en América Latina". IN: ISIS Internacional, **Ediciones de Las Mujeres**, nº 20.

LEVI, G. e SCHMITT, J.-C. (org.) (1996) **História dos Jovens: da Antiguidade à Era Moderna**. Vol. 1. São Paulo: Cia. Das Letras.

LOURO, G. L. (1999). **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes.

MCROBBIE, Angela e GERBER, Jenny (1996). *Girls and subcultures*. In: HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (eds.). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Routledge.

REGUILLO CRUZ, Rosana (2000). **Emergencia de Culturas Juveniles. Estratégias Del Desencanto**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

SACCHI, Angela Célia (2001). "Estudos de Gênero em sociedades indígenas: considerações sobre o caso Kaingang". Trabalho apresentado no GT Estudos Interdisciplinares Jê do Sul, na IV RAM. Curitiba, PR, 11 a 14/11.

SCOTT, Joan (1990). "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". IN: **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v. 16, nº 2, p. 5-22, julho/dezembro.

SIMMEL, George (1983). *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal*. IN: Moraes, E. (org.), **Sociologia**. São Paulo: Ática. p. 165-181 (coleção Grandes Cientistas Sociais, 34).

SUÁREZ, Mireya (1997). "A Problematização das diferenças de Gênero e a Antropologia". IN: AGUIAR, Neuma (org.) **Gênero e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

WULFF, Helena (1995). *Inter-racial friendship: consuming youth styles, ethnicity and teenage femininity in South London*. In: AMIT-TALAI, Vered e WULFF, Helena (eds.). **Youth cultures: a cross cultural perspective**. London and New York, Routledge.

NOTAS

ⁱ Suárez (1997) lembra que para Morgan a mudança da descendência feminina para a masculina marca a emergência da “civilização”. Segundo Engels, que trabalha com o mito do matriarcado primitivo, as mulheres perderam poder devido sua incapacidade de administrar. Para Lévi-Strauss, a diferença entre os homens e as mulheres e a troca de mulheres é o básico para garantir aliança.

ⁱⁱ O olhar corrente sobre as crianças e jovens, baseado num paradigma desenvolvimentista, também os vê como seres incompletos, não-sociais, ou ainda-não-sociais (CASTRO, 2001).

ⁱⁱⁱ Durante a pesquisa, as questões que as meninas traziam faziam pouca referência a relações sexuais, e quando o assunto “sexo” era tocado elas demonstravam-se um pouco incomodadas ao perceber que sua virgindade podia estar sendo questionada. Algumas afirmações do tipo “menino mais velho não dá, porque eles já querem outra coisa”, as críticas feitas aos meninos “galinhas”, que querem “passar a mão em tudo” indicavam que elas realmente ainda eram virgens. Certa vez, uma das meninas contou que quando a irmã mais velha, de 18 anos, começou a namorar o pai foi ter uma conversa sobre sexo com ela, recomendando para que ela não se “entregasse” ao namorado tão cedo. Achei que valia a pena explorar um pouco mais o assunto, e comentei: “às vezes os pais resolvem ter esse tipo de conversa quando já é tarde demais, né?”. A menina foi tão enfática dizendo que no caso da irmã dela não tinha sido tarde demais, encerrando o assunto, que nas outras entrevistas acabei nem querendo mais explorar a questão.

^{iv} A metodologia pensada para ser empregada no trabalho de campo de minha dissertação previa um contato bastante estreito com as meninas, acompanhando-as em seus espaços e atividades de lazer. Mas o trabalho de campo não saiu como o esperado, e a proximidade que eu almejava nunca se efetivou. Desta forma, decidi fazer alguns diários e distribuir para as meninas para que elas anotassem o seu cotidiano. Foram distribuídos 12 diários, mas apenas uma das meninas devolveu-me o seu. Novamente precisei repensar a metodologia, e as falas que trago neste trabalho são provenientes das entrevistas que fiz na última etapa do trabalho de campo.

^v Cf. noção de Michel Foucault, In Fraga (2000).